

A INTERMITÊNCIA NAS RELAÇÕES DO SUJEITO COM A LINGUAGEM: UM LUGAR DE ESTUDO SOBRE A COMPREENSÃO DE UM TEXTO/DISCURSO⁷.

Marisa Bernardes Pereira
UFAL

Em geral, o título de um texto funciona como lugar de antecipação do que vai apresentar para o leitor. Mas como antecipação, com certeza, um título não permite a compreensão do texto. Só a leitura do texto em sua totalidade pode fazer o leitor retornar ao título, como um fechamento, tendo em vista a significação que vai sendo produzida. Por isto o título acima não mostra, por exemplo, que o estudo que empreendi sobre a compreensão está submetido a uma teoria do diálogo e que a intermitência se refere a relações entre a fala de crianças e a de adultos em momentos em que estes tentaram ler textos para crianças.

A pergunta que orienta minha reflexão é a seguinte: como se compreende um texto? Posteriormente, essa pergunta foi restringida em função do meu interesse pela aquisição de linguagem, tornando-se, então, a seguinte: que processos estão em jogo na relação de crianças com textos/discursos narrativos? Na verdade, estas são perguntas

⁷A noção de texto/discurso remete à consideração de que há sempre uma relação entre esse dois elementos, nos termos que é colocado por de Lemos (1995 mimeo: 12), como "necessidade de pensar o texto como unidade a partir da inclusão do falante na língua do ponto de vista do discurso." Nesse sentido, acrescenta essa autora, citando Emi Orlandi, "que "'discurso" ganha um sentido [...] em que "a relação com a exterioridade [...] se inscreve no próprio texto", o que dá à sua historicidade um caráter constitutivo"

que orientam um estudo mais amplo em que diferentes textos narrativos foram lidos para algumas crianças.

Retorno à descoberta da intermitência no diálogo no ponto em que elas apontaram para uma impossibilidade de entender a compreensão do ponto de vista de teorias cognitivistas naquilo que elas supõem a linguagem como antecedida pelo pensamento. Ao contrário, a interpretação do diálogo pôde mostrar que as relações da criança com a linguagem foram estabelecidas a partir do funcionamento da língua e do discurso. Desse ponto de vista, a criança é convocada pela linguagem. Mais especificamente, os lugares em que os dados deste estudo interrogaram a concepção segundo a qual há um sujeito anterior à linguagem encontram-se, como se poderá ver adiante, tanto na impossibilidade da criança de reproduzir o texto apresentado, quanto em interrupções da criança à fala do adulto no percurso do episódio. Daí a descoberta da intermitência que se manifesta como descontinuidades entre a fala da criança e do adulto face ao propósito deste de tentar colocá-la num lugar em que ela deveria compreender o texto/discurso. A intermitência aponta para os processos que estão em jogo na compreensão.

1. O DESENHO DO EPISÓDIO

Neste texto será tomado apenas um episódio dentre outros realizados⁸. Trata-se do momento em que um adulto apresentou para Rafaela (2;11.25) o texto intitulado "O Pega-pega".⁹

⁸Este texto é parte de um estudo mais amplo empreendido como estágio de pós-doutorado na UNICAMP em 1994.

A atividade foi orientada no sentido de que o texto seria lido e, somente após a leitura a criança seria convidada a recontar a história ou responderia a perguntas sobre o texto, ordenadas na seqüência dos fatos da história. O reconto e/ou as respostas forneceriam o material para a análise do processo de compreensão da criança, na medida em que informassem sobre o acesso ao texto a partir das categorias da estrutura narrativa. Mas muitas vezes a leitura foi interrompida e apareceu um diálogo. Ainda assim, o adulto, após a leitura, tentou levar a criança à recuperação da história.

O livro, "O Pega-pega", se define por sua indicação para crianças em fase de alfabetização. É um livro em que há uma seqüência de enunciados e uma seqüência de gravuras (ilustrações?) que 'fazem' o texto. Trata-se, nesse sentido, de um livro que supostamente atende a um propósito alfabetizador na medida em que seus autores jogam com dois tipos de relações de ordem perceptual: relações som-letra e relações enunciado-ilustração. Certamente pode-se interrogar até que ponto essa estrutura do texto permitiria a compreensão pela criança, visto que ela não se enquadraria no propósito alfabetizador do livro, já que ela não estava ainda submetida ao processo de alfabetização. Embora esta seja uma questão pertinente, ela não se coloca como importante para o momento, porque há um texto que poderia ser apreendido. O que está aqui em questão são os processos instanciados pela criança tendo em

⁹Parte do estudo deste episódio foi apresentado no III Congresso sobre Aquisição de Linguagem, em Porto Alegre. Aqui será apresentada a análise de todo o episódio.

vista a apresentação de um texto que fala de um gato e de um galo que resolveram pegar um rato o que não conseguiram porque se desentenderam.

2. O EPISÓDIO DO "PEGA-PEGA"¹⁰

Um movimento da linguagem à deriva

2.1- Uma interpretação para a fala da criança.

Tomando como referência o episódio com o texto "O Pega-pega", a pergunta que orienta as interpretações que se seguem é a seguinte: por que respostas a perguntas de compreensão mostram uma descontinuidade tal que levam a relação como compreensão do texto/discurso para lugares/estruturas completamente inesperados?

Em primeiro lugar, devo lembrar que a expectativa que foi feita acerca da compreensão é que ela seria verificável a partir do reconto do texto lido. Nesse sentido, observe-se, abaixo, o segmento final do episódio. Este, aliás, é o primeiro momento em que pude perceber que a expectativa falhou.

Segmento I

Rafaela (2;11,25)

120- **R.** A história.

121- **M.** Conta aí!

122- **R.** A história é...

123- **M.** Hum!

124- **R.** Um gatinho passou aqui, e passou. (p.1)

¹⁰O texto é o seguinte: O gato vem de lá. O galo vem de cá. O gato falou: - Vamos pegar o galo? O galo falou: - Vamos! O galo falou: -Você vai por lá e eu vou por cá! E o gato falou: - Não! Eu vou por cá e você vai por lá" O galo falou: - Você não sabe nada! E o gato falou: - Quem não sabe nada é você. O galo pegou o gato. O gato pegou o galo. Lá longe o rato ria, ria.

125- **M.** Sim, e quem mais passou?

126- **R.** Pere aí, esse daqui passou, pere aí.

127- **M.** Sim.

128- **R.** Pere aí passou, pere aí passou.

129- **M.** Conta pra gente. A Cacaí quer saber dessa história, num quer Cacaí?

A Diva também.

130- **R.** Não...

131- **M.** Vá conte pro João a história aí, conte!

132- **R.** O gato passou aqui. (mostra a p.1)

133- **M.** Sim, quem foi mais que passou?

134- **R.** Olha mais, olha aqui passou, aqui passou, aqui passou.

135- **M.** E quem mais passou?

Quem mais passou?

136- **R.** Oh! oh! (mostra um ferimento no braço)

Relembro ainda que o texto fala de um galo e de um gato que resolveram pegar um rato, o que não conseguiram porque se desentenderam. Diante dessa leitura do texto, o segmento acima convoca as seguintes interrogações: 1. dado que os enunciados da criança parecem remeter às gravuras do livro, turnos 124, 126, 128, 'Um gatinho passou aqui, e passou. Pere aí, esse daqui passou. Pere aí, passou.', à medida em que a criança vai passando as páginas do livro, essas remissões reproduzem, de alguma maneira, o texto cuja unidade se constitui pela relação entre uma seqüência de enunciados e uma seqüência de ilustrações? 2. por que, na fala de criança, o texto se transformou em frases repetidas que mostram referências às gravuras, simultaneamente ao movimento de mudar de páginas?; 3. diante da estranha diferença entre o texto e aquilo que Rafaela estava falando de onde deve proceder sua fala?; 4. se no fim do episódio, a

criança não chegou ao reconto esperado, por que e onde ela se desviou do texto?

Saliente-se que houve momentos anteriores a esse em que o adulto leu o texto para a criança e em que, como já referido, a criança interrompeu seguidamente a fala do adulto. Esses momentos passam a definir o lugar teórico possível de orientar a interpretação dos dados, como orientado para o diálogo entre a criança e o adulto porque eles mostram um certo tipo de dependência da fala da criança à fala do adulto. São repetições e apropriações com substituição de fragmentos de enunciados da fala do adulto que permitem entender de onde vieram os enunciados da criança e as posições que ela ocupou no episódio. Nesse sentido, observe-se o segmento II, abaixo:

Segmento II

(o adulto entrega o livro à criança)

1- **R.** Gato, isso é um gato. (p.1)

2- **M.** É.

3- **R.** É a galinha? (p.1)

4- **M.** Você quer que a gente leia a história pra você quer? Quer?

Aonde é que lê a história? Aqui?

Aqui? (mostra o texto escrito.) Aqui tem uma história tem? (p. 1)

5- **R.** Tem a... piu, ga...

6- **M.** É assim é? Oh! deixe, deixe eu ler aqui. Olhe.

(mostra o texto) (p.1)

O gato vem de lá.¹¹

7- **R.** O gato vem de lá. Não, a galinha vem de lá. (p.1)

8- **M.** Cadê a galinha vem de lá que eu não tô vendo?

9- **R.** A galinha vem de lá.

O gato vem de lá.

¹¹Nos dados, os negritos correspondem a enunciados do texto lido

O gato vem de lá.

A galinha vem de lá.

10- **M.** O gato, olha tá aqui, tá aqui olhe. (mostra o desenho) (p.1)

O gato vem de lá.

O galo vem de cá.

11- **R.** Olhe, Cícera... olhe Cícera.

12- **M.** Venha ver, Cícera, venha ver com agente.
Mas a Cícera tá ocupada. Vamos ver.

13- **R.** Olha galinha, galinha, galinha. (p.3)

Note-se que, no momento em que foi entregue o livro, Rafaela começou a nomear as gravuras, como, em geral, acontece quando adulto e criança brincam com revistas e livros, turnos 1, 2, e 3, 'Gato, isso é um gato./É a galinha?'. A interpretação para o fato de Rafaela nomear galinha e não galo será tomada posteriormente.

Parece que o fato de o adulto entregar um livro com gravuras para a criança ofereceu-lhe um lugar/posição para nomear gravuras. Um lugar para o qual, certamente, também as contínuas indicações do adulto para algo que a criança deveria ver contribuiu. Por outro lado, o texto também parece convocar esse lugar. Nesse sentido, chamam a atenção os enunciados iniciais do texto. "O gato vem de lá. O galo vem de cá.", pela indicação que tanto o artigo definido quanto os dêiticos 'cá' e 'lá' apontam para algo que para ser interpretado deve levar em conta as gravuras.

Nos turnos que se seguem a criança parece dar continuidade à nomeação das gravuras, sendo que extraindo segmentos da fala do adulto, turnos 4 - 9.

Tomemos, inicialmente, como lugar de atenção os turnos 4 e 5, 'Você quer que agente leia a história pra você, quer? Quer? Aonde é que lê a história? Aqui? Aqui? Aqui tem uma história, tem?/Tem a... piu, ga.'. Note-se que, no turno 5, Rafaela apropriou-se de um segmento da fala do adulto, o 'tem', e, estranhamente, não pareceu que ela estivesse dando continuidade ao que este estava falando. Nesse turno há claramente uma descontinuidade com relação à fala do adulto. O que o adulto estava mostrando não era absolutamente o que Rafaela afirmava estar vendo. Por que Rafaela não confirmou a pergunta? Em que posição ela estaria quando afirmou 'Tem a... piu...ga'?

Mais adiante, no turno 7, a criança se apropriou de parte do turno anterior, 'vem de lá' e substituiu 'gato' por 'galinha', 'O gato vem de lá./Não, a galinha vem de lá.'

A descontinuidade que foi notada na apropriação de 'tem' no turno 5, e a substituição do turno 7, colocam as seguintes questões: 1. o que permitiu a criança interpretar 'tem uma história' com 'o que tem aqui são gravuras?'; 2. por que ela substituiu 'gato' por 'galinha' e, parece, negado a percepção do 'gato'?

Certamente, a interpretação para o segmento 'tem', turno 5, estaria relacionada aos turnos 1 e 3, 'Gato, isso é um gato. É galinha?', como continuidade da posição de ver e nomear gravuras e não ver enunciados escritos como pretendia o adulto. Atente-se para o fato de que Rafaela não sabia ler. Por outro lado, a posição de ver e nomear gravuras também não correspondia a uma das gravuras do

texto. A gravura do autor do livro seria de um 'galo' e Rafaela nomeou como 'galinha'. Este é um lugar de descontinuidade que aponta para fragmentos de textos/discursos que permitem a criança significar aquilo que ela vê. Isto poderia explicar por que a criança identificou nas gravuras um 'gato' e uma 'galinha' e não uma 'gata' e um galo'. Desse ponto de vista, a 'escolha' do primeiro estaria sendo convocada pelos textos em que Rafaela está inserida e que incluem 'galinha', mas não incluem 'galo', pelo menos da mesma forma. Nesse sentido, deve-se lembrar referências a histórias como "A galinha dos ovos de ouro", a propaganda da galinha azul e a comidas típicas da região, como galinha assada, dentre outras. Argumento semelhante poderia estar na base da nomeação de 'gato' em vez de 'gata'.

Por outro lado, na medida em que todas as páginas do livro trazem as duas gravuras, a substituição do turno 7, 'O gato vem de lá. Não, a galinha vem de lá.', leva à seguinte reflexão: ou Rafaela estava fixando o olhar em apenas uma das gravuras, ou ela estava insistindo na nomeação de 'galinha', ainda que não estivesse negando a existência de um 'gato'. A segunda hipótese parece mais adequada pelo seguinte: 1. porque ela parece estar marcando dois lugares para dois elementos a partir da posição num jogo de nomear, dando continuidade à posição de ver e nomear. De que forma o turno 13, 'Olha, galinha, galinha, galinha?' pode estar ligado a isto? A criança insistiu na nomeação de 'galinha' e não fez uma substituição de 'galinha' por 'galo', embora no turno 10, 'O gato, olha tá aqui, tá aqui. O gato vem de lá. O galo vem de cá.', tenha aparecido a possibilidade

de substituição de 'galinha' por 'galo'? O dois lugares no jogo de nomear antes ocupados por 'gato' e 'galinha' apareceram na fala do adulto como 'gato' e 'galo'? Ainda que se possa afirmar que há uma nomeação no enunciado da criança, há, contudo, algo que uma suposta interdição de 'galo' interroga.

Vale retornar aos turnos iniciais deste segmento para rever a posição de ver e nomear da criança no momento em que ela interroga o adulto sobre o que está vendo: 'Gato, isso é um gato?', turno 01, e 'É a galinha?', turno 03, para fazer notar que à primeira pergunta o adulto responde afirmativamente e que a segunda pergunta não tem resposta para a criança, fazendo-se seguir de uma seqüência de enunciados que não dão continuidade à posição em que a criança estava, turno 04, 'Você quer que agente leia a história pra você quer?' Com este corte, certamente, o adulto tentou incluir a criança na atividade planejada - escutar a leitura do texto - só que a criança não se incluiu, daí sua permanência na posição de ver e nomear, através da repetição de 'galinha'. A exclusão não pode também estar na base da explicação para o turno 6, 'Não, a galinha vem de lá.'?

Segmento III

14- **M. O gato falou:**

Oh aqui, oh, o gato falou:

15- **R. O gato falou:**

16- **M. Vamos pegar o rato?**

17- **R. Vamos pegar o rato?**

18- **M. Quem foi que falou vamos pegar o rato?**

19- **R. É, hum... sabe não.**

20- **M. Sabe não?**

O galo falou:

21- **R. O galo falou**

22- **M. Vamos.**

23- **R. Vamos.**

24- **M. Então o gato falou:**

25- **R. O gato falou, o gato.**

26- **M. Vamos pegar o rato?**

27- **R. Vou pegar o rato... (pega o livro)**

28- **M. Quer passar? Vamos continuar?**

29- **R. O gato passou. O gato não, a galinha passou. (p.4**

e 5)

Nesse segmento, Rafaela falou 'galo' no turno 21, repetindo o enunciado anterior do adulto. Note-se que essa repetição faz parte de uma seqüência maior de repetições, turnos 15, 17, 21, 23. As repetições parecem mostrar uma possibilidade de quebra no jogo de nomear. Talvez essas repetições estejam mostrando que a criança não tinha como compreender nada da fala do adulto, não podia 'fazer um gancho' com a fala do adulto. Certamente não é por acaso que mais uma vez houve mais um movimento do adulto no sentido de incluir a criança na atividade planejada, já que houve um retorno à leitura do texto cuja compreensão não previa a posição de ver e nomear em que a criança se encontrava até o turno 13 do segmento anterior. Um 'gancho' apareceu no turno 27, 'Vou pegar o rato', que não é mais uma repetição do turno anterior, 'Vamos pegar o rato?', mas uma resposta a um suposto convite do adulto para brincar de gato e rato. Note-se que parece haver sempre pontos de descontinuidade entre o que o adulto propõe e aquilo que a criança significa. Mais ainda, note-se que nesses lugares há fragmentos de textos/discursos que atravessam a fala da criança como que lançando-a para posições diferentes. Por outro lado, parece que há

sempre uma relação com a fala do adulto, tanto quando há descontinuidade, quanto quando há repetições.

Nesse mesmo sentido, chama a atenção os turnos 28 e 29, 'Quer passar? Vamos continuar?/O gato passou. Não, a galinha passou.'. Nesse ponto, vale perguntar por que, no turno 29 Rafaela não respondeu ao convite do adulto com uma das respostas normalmente esperadas 'vamos' ou 'não'? O 'passou' de Rafaela tem o mesmo sentido de 'passar' da fala do adulto? O 'passar' do adulto não se refere ao texto, mas a passar a página para dar continuidade à leitura. O 'passou' de Rafaela parece se referir ao movimento de passar a página simultaneamente à nomeação das gravuras. Essa é, então, mais uma descontinuidade entre a fala da criança e a fala do adulto. Por outro lado, vale lembrar que 'passou' apareceu no segmento I, e deu lugar à interpretação do jogo de nomear.

Relembro que a questão do início, segmento I, se coloca como estranhamento do fato de Rafaela não ter resumido o texto. Isto, de alguma maneira, vai ao encontro da interpretação do turno 29, que pareceu mostrar um retorno de Rafaela à posição de ver e nomear. Por outro lado, se configurou uma outra questão que faz retornar aos segmentos I e II. Trata-se da expectativa de entrada de 'galo' na fala de Rafaela. Nesse sentido, observe-se o segmento IV, abaixo:

Segmento IV

55- **M. O galo pegou**

56- **R. Pegou.**

57- **M. Pegou o quê?**

58- **R. Pegou...**

- 59- M. Aqui, olhe!
60- R. Não pegou a galinha, a galinha.
61- M. Olhe aqui o galo pegou o...
62- R. Rato.
63- M. O gato. E aqui? (p.9)
 O galo pegou
64- R. Bora passar, bora?
65- M. Vamos passar.

É importante notar nesse fragmento que o adulto não completou a leitura do enunciado do texto que seria "O galo pegou o rato" porque Rafaela o interrompeu em seguida à enunciação de 'pegou' nos turnos 53 e 55. Por que ela teria segmentado esses exatamente após 'pegou' e quando 'galo' antecede 'pegou'? Mais adiante, no turno 60, por que ela teria retomado 'pegou' e substituído 'galo' por 'galinha', constituindo um enunciado negativo, 'Não pegou a galinha, a galinha.'? Ainda mais, por que ela pôde completar o enunciado do adulto do turno 61, 'Olhe aqui, o galo pegou o...' com 'o rato'? Parece que Rafaela estava significando por um fragmento de texto que impede uma relação entre 'galo, pegar e galinha' o que significaria mais um cruzamento de texto/discurso na fala da criança. Com efeito, não seria absolutamente estranho pensar que houve uma censura em Rafaela, daí seu convite para 'passar' no turno 65, 'Vamos passar?'.

Respostas às questões colocadas sobre o segmento I podem ter agora alguma visibilidade. O fato de a criança trazer o 'passar' em 'Um gatinho passou aqui e passou./ Pere aí, esse daqui passou, pere aí./ Pere aí passou, pere aí passou.' parece mostrar que após toda a atividade retorna a posição de ver e nomear. Vale ressaltar que no

fim do episódio se repetiu o movimento de tomar o livro e passar as páginas. Foi um gesto que produziu uma posição, ou que colocou a criança numa posição? Por outro lado, lembrando as tentativas frustradas do adulto de colocar a criança na atividade planejada, ou as tentativas de inclusão da criança na atividade parece que não produziram o efeito desejado, na medida em que se seguiram a repetições ou a entradas da criança em outras posições que remeteram a fragmentos diferentes de textos/discursos. São essas entradas e saídas em posições diversas, ou as entradas e saídas de textos/discursos que caracterizam a intermitência.

2.2- Os processos na intermitência

Na secção acima, pudemos mostrar mudanças de sentido que aconteceram na fala de Rafaela e mostrar que essas mudanças se estabeleceram a partir de relações com a fala do adulto. É essa dependência da fala do outro que define a perspectiva teórica deste estudo como situada no diálogo. Trata-se da interpretação de unidades cujo funcionamento mostram que um enunciado pode tornar-se outro, derivar para um outro, como afirma Pêcheux (1983: 53):

"todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro."

Isto de fato aconteceu nos momentos que se mostraram quando a criança interpretou 'tem uma história' da fala do adulto por

'tem a piu, ga', bem como quando o adulto lendo o enunciado em discurso direto 'Vamos pegar o rato', que, na verdade correspondia ao convite do 'gato' para pegar o 'rato' e Rafaela interpretou como um convite para brincarem de gato e rato, com o enunciado 'Vou pegar o rato' e, ainda, quando o adulto convidou a criança para dar continuidade à leitura do texto e a criança interpretou como passar a página para nomear a gravura, em 'Vamos passar? Vamos continuar?/O gato passou. Não, a galinha passou'.

Inicialmente, a partir dos processos caracterizados como metafórico e metonímico (de Lemos, 1992), tentarei mostrar o funcionamento da linguagem, no diálogo, definido por essa mesma autora como "instância de funcionamento lingüístico-discursivo". Trata-se de observar as mudanças de sentido nos enunciados da criança referidos como associados a significantes¹² da fala do adulto.

Por outro lado, vale salientar que processo metafórico e processo metonímico são noções que reportam a Jakobson, conforme as seguintes palavras:

¹²Observe-se que a relação entre a fala do adulto se dá pela caracterização do segmento como significante, não como signo. Essa caracterização pertence a de Lemos em textos mais recentes, a partir de Lacan, em que se mostra a diferença entre a noção de signo como alguma coisa que já tem significante e significado juntos e que por isto não tem mobilidade. Desse ponto de vista o significante é que se movimenta.

"A eleição dos termos metafórico e metonímico para assinalar o maior alcance dado ao funcionamento dos eixos¹³ é coerente com o propósito de Jakobson de dar conta do que vai mais além ou mais aquém do funcionamento da língua no discurso cotidiano. De fato, Jakobson se justifica dizendo que o processo metafórico tem na metáfora, enquanto linguagem figurada ou "tropo" "sua expressão mais condensada" e o mesmo se aplica, segundo ele à metonímia." (op. cit.: 126 - 127)

Para refletir sobre os dados de Rafaela, vale tomar o seguinte trecho sobre o funcionamento da metáfora cuja caracterização é a seguinte:

"relação de similaridade, associada, por sua vez, tanto a uma operação de seleção quanto a uma operação de substituição. A primeira supõe uma semelhança/equivalência dada de antemão, uma eleição entre termos com, pelo menos, uma propriedade em comum já definida. A segunda abre a possibilidade de considerar a semelhança/equivalência ao contrário, como efeito da própria substituição." (op. cit.: 127)

Nos enunciados de Rafaela acima referidos há de fato uma relação de similaridade que supõe semelhanças/equivalências já que há propriedades comuns que aparecem nas substituições de significantes da fala do adulto. Isto aconteceu com 'tem', 'pegar' e 'passou'. Na interpretação acima, chamei a atenção para a diferença

¹³EIXOS remete a paradigmático e sintagmático.

entre 'ter uma história para ler' e 'ter gravuras para nomear' em que da semelhança com um significante extraído da fala do adulto Rafaela produziu outro sentido. Uma substituição foi possibilitada pelo que havia de semelhante entre a escuta de um 'tem' e a possibilidade de ele aparecer em outra cadeia/estrutura. Igualmente, chamei a atenção para a dificuldade de Rafaela de lidar com a seqüência de enunciados em discurso direto e para o 'gancho' que ela pôde fazer a partir de um fragmento de texto/discurso outro, o que mostra que novamente tratava-se de uma semelhança que permitiu a produção de um outro sentido. Algo semelhante aconteceu com o enunciado de 'passar'.

Essas operações, por outro lado, aconteceram a partir de restrições que as cadeias significantes impuseram a Rafaela. Note-se que uma pergunta com 'tem', como a do adulto 'Aqui tem...?' suporta tanto uma continuidade como 'tem uma história', como 'tem uma piúga'. Entre as promessas de significantes manifestos 'piúga' há a possibilidade de uma latência que pode se manifestar como qualquer coisa que ela poderia ver a partir da posição de ver e nomear. A mesma operação parece acontecer na cadeia 'Vamos pegar o rato' que poderia ser interpretada como uma fala do gato, ou como um convite para brincar de gato e rato. Aliás, Rafaela deu visibilidade a esse tipo de pressão quando interrompeu a fala do adulto em 'O galo pegou/ Não pegou a galinha, galinha' e em 'O gato pegou o/Rato'. Trata-se, em ambos os casos, de relações entre os elementos manifestos e os elementos latentes/substituídos. Isto faz retornar ao texto de de

Lemos, no momento em que ela trata da relação entre os processos metafórico e metonímico.

"Metáfora e processo metafórico, sob um ponto de vista mais geral, se assentam por conseguinte, tanto na ausência do elemento substituído quanto na presença que dele guarda a cadeia. Se assim é, seria possível dizer que a noção de contiguidade posicional que integra a definição de processo metonímico, esboçada por Jakobson, conserva algo mais da definição de metonímia enquanto figura. Na medida em que a cadeia estrutura representa um elemento que está ausente nela como posição na qual está inscrito, se pode dizer que atua como o todo representando a parte. O inverso também é verdadeiro: em cada elemento está inscrita sua posição na cadeia estrutura e é nessa medida que o elemento pode representar toda a cadeia, enquanto parte que representa o todo." (op. cit. 127)

Tomando como exemplo os enunciados 'Vamos passar? Vamos continuar?/O gato passou. Não, a galinha passou.', pode-se entender que, para Rafaela, o todo da cadeias/estruturas do adulto representa elementos que estão ausentes como posição, a saber: Vamos passar (a página) e Vamos continuar (a nomear as gravuras). Esses elementos ausentes produziram uma conexão metonímica cujo efeito "é desviar a referência do significante do adulto para outro contexto ou outro aspecto do mesmo contexto" (op. cit.: 129).

Segundo de Lemos (1991: XIII).

"Cada elemento, não importa sua extensão ou composição, abre um espaço para muitos sentidos direções, subordinando assim o que a ele se segue e deixando-se ao mesmo tempo subordinar por ele que, ao mesmo tempo em que restringe esse espaço aberto, abre outras direções."

O que essa citação tem a ver com o que foi caracterizado como conexão metonímica? Mais ainda, o que tem a ver com as intermitências da fala de Rafaela? Tem tudo a ver com a deriva de sentidos. Retomando o exemplo o 'passar', no convite do adulto 'Vamos passar?', turno 28, a que a criança respondeu 'O gato passou.', pode-se entender que 'passar' abriu um espaço para um outro sentido porque não subordinou o que o seguiu visto que a fala da criança não trouxe como resposta 'vamos' ou 'não'. O enunciado da criança quebrou essas possibilidades, na medida em que produziu uma ressignificação para 'passar'. O espaço aberto foi restringido de outro lugar de significação, o que se mostra como uma deriva. Não foi a falta de restrição da fala do adulto que se caracterizou como conexão metonímica e que, por seu turno, mostrou a intermitência?

Po outro lado, a interpretação dos vínculos entre a fala da criança e a fala do adulto exigem esclarecimentos sobre a noção de diálogo, que não se define como um espaço de transparência, mas como processos dialógicos. Trata-se da noção como definidas por de Lemos (1982) como processo de complementaridade¹⁴, que será

¹⁴Em de Lemos (1982) o processo de complementaridade têm as seguintes características: processo de complementaridade interturnos, em que a resposta da

tomada como possível de ser redefinida a partir de formulações dessa mesma autora em textos mais recentes. Isto permite entender a intermitência como mostrando a presença do outro e o processo de complementariedade, tendo em vista as seguintes afirmações:

"De onde vêm esses fragmentos que iniciam um diálogo, ou lhe são complementares? Vêm de um outro, mas um outro que é muito mais um texto. O outro é um funcionamento, é uma instância de funcionamento lingüístico-discursivo. Não é uma individualidade porque ele está submetido à língua e ao discurso: ele também é efeito da língua e do discurso. O outro que está em questão agora me faz repetir Lacan quando ele diz que não se pode confundir o outro com o OUTRO. O OUTRO é esse funcionamento. É aquele que representa junto à criança o funcionamento do OUTRO. O OUTRO é a língua como alteridade." (de Lemos, nota de aula, 1994)

Quem é o OUTRO na fala de Rafaela? Não é o adulto, instância empírica, mediador da apresentação do texto "Pega-pega". O OUTRO de Rafaela se apresenta como fragmentos de textos/discursos que a convocaram para fazer sentido no episódio. Trata-se de um lugar/estrutura em que relacionar-se com a fala do

criança preenche um lugar "semântico", "sintático" e "pragmático" instaurado pelo enunciado imediatamente precedente do adulto; processo de complementariedade intraturnos em que o enunciado da criança resulta da incorporação de parte do enunciado adulto imediatamente precedente e de sua combinação com um vocábulo complementar.

outro empírico significa em alguns momentos participar de um jogo de nomear, ou brincar de gato e rato, e não só.

À GUIA DE CONCLUSÃO.

Certamente, há uma pergunta que o título deste texto insinua, que é a seguinte: finalmente o que foi dito sobre os processos de compreensão, já que Rafaela parece não ter entendido o texto? Afinal, o adulto propôs uma atividade da qual ela não participou. De fato, não se pode afirmar sequer que Rafaela se relacionou com o texto. Ela se relacionou com a fala do adulto, ou com um outro texto que se estrutura a partir de um jogo de nomear. Mesmo considerando essa conclusão, há de se convir que há pontos de fuga em diferentes posições. Certamente compreender um texto passa por esse tipo de relação em que há lugares em que o texto/discurso não restringe o sujeito. Mas, certamente, há a possibilidade de que os movimentos de deriva e retroação deixem uma unidade de sentido para o texto/discurso, ainda que provisória.

Para finalizar, vale retornar ao momento I, que, na verdade, traz a segmento final do episódio, para ratificar a precariedade do efeito de unidade, nesse segmento que foi interpretado como mostrando Rafaela na posição de ver e nomear, trazendo os últimos enunciados do adulto e da criança:

135- **M.** E quem mais passou?
Quem mais passou?

136- **R.** Oh! oh! (mostra um ferimento no braço)

137- **M.** Que é isso aqui? (aponta o ferimento)

138- **R.** Foi a maica.

139- **M.** Como é a maica? (Alguém fala: máquina)

140- **M.** A máquina foi? Você bateu na ponta da máquina, foi?

136- **R.** Oh! oh! (mostra um ferimento no braço)

para mostrar como o 'passar' parece ter se tornado outro, na medida em que parece significar 'a dor do ferimento passou'. Retorna a intermitência: retorna a conexão metonímica, que, por seu turno, se mostra como cruzamento dos processos metafórico e metonímico.

BIBLIOGRAFIA

LE MOS, Cláudia T. G. de (1982) - Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado). **Boletim da ABRALIN**, 3(97-126)

_____. (1992a) - Prefácio. In. M.C. Perroni. **Desenvolvimento do Discurso Narrativo**. São Paulo, Martins Fontes.

_____. (1992b) - Los processos metafóricos e metonímicos como mecanismos de cambio. **Substratum**, 1(121-135)

_____. (1995) - Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.30, nº 4.

PÊCHEUX, Michel (1990) - **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas/São Paulo, Pontes.

PEREIRA, Marisa B.- (1994) - A compreensão do discurso narrativo pela criança. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 30, nº 4, dezembro 1995.